

A DINÂMICA DA PERSONALIDADE E O HOMESICKNESS (SAUDADES DE CASA) DOS JOVENS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

M. Fernanda Ferraz & Anabela Sousa Pereira
Universidade de Aveiro – Portugal

RESUMO: Partindo de uma abordagem metodológica enquadrada numa perspectiva empírico-analítica, esta investigação tem como objectivo alertar para a necessidade do desenvolvimento de competências para lidar com a situação de transição, propondo a criação e aplicação de medidas profiláticas ao nível do ensino secundário, que previnam o aparecimento dos quadros de insucesso, abandono e problemas pessoais e de estruturação da personalidade, promovendo a sua adaptação. Os resultados apontam como traços de personalidade mais visíveis nestes estudantes os de carácter extrovertido, no entanto, os estudantes do sexo feminino têm mais tendência para apresentar uma personalidade predominantemente de traço neurótico do que os do sexo masculino. Verifica-se uma correlação positiva entre o homesickness e o neuroticismo, isto é, quanto mais saudades de casa o estudante tem, mais tendência apresenta para o neuroticismo e vice-versa. Com a extroversão a correlação é negativa, ou seja, quanto mais extrovertidos são os alunos, menos saudades de casa têm. Perante este quadro de resultados é importante atender, à necessidade de proporcionar bem-estar na universidade promovendo um apoio pessoal, organizacional e de inter-relação que envolva os seus alunos e lhes permita investir na formação académica com sucesso.

Palavras chave: Estudantes universitários, Extroversão, Introversão, Neuroticismo, Personalidade, Processo de transição, Saudades de casa.

PERSONALITY AND HOMESICKNESS IN YOUNG UNIVERSITY STUDENTS

ABSTRACT: From a methodological point of view framed in an empiric-analytic perspective this research aims to alert for the need of developing skills which will enable students to deal with this transition process, suggesting the application of prophylactic measures at the high school level, which will prevent the appearance of unsuccessful patterns, school drop-out and personality structuring problems, promoting student adaptation. The results show the most visible personality feature in such students is extroversion. Yet female students show more trends to present a personality feature of neuroticism than male students. We have verified a positive correlation between homesickness and neuroticism, i.e., the more homesick a student feels, the bigger the trend that same student shows towards neuroticism and vice-versa. With extroversion the correlation is negative, that is, the more extrovert students are the less homesick they feel. In light of these results it is important to meet the need to promote well-being at the university promoting personal support, organizational support and inter-relational support that involves the students and allows them to invest in their academic formation in a successful way.

Key words: Extroversion, Homesickness, Introversion, Neuroticism, Personality, Transition process, University students.

Um dos maiores desafios nos sistemas educativos e nos sub-sistemas do ensino superior é a procura da qualidade pedagógica, científica e de relacionamento humano nos processos educativos de ensino/aprendizagem (Tavares et al., 1996).

A transição para a Universidade coloca em grande destaque os problemas dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento de fortes laços com os níveis mais elevados de ansiedade e de *stress*. É grande a variedade de problemas que os estudantes desenvolvem, nesta fase da sua vida. Em primeiro lugar são os problemas pessoais como o *homesickness*, a solidão, a timidez, limitações nas competências sociais e tomadas de decisão, sexualidade, perturbações emocionais. Em segundo lugar são os problemas académicos, tais como as dificuldades de relacionamento com professores e colegas, competências de estudo, rendimento escolar, falhar nos exames, ansiedade e *stress* em situação de avaliação, etc. Em terceiro lugar são os problemas financeiros e de gestão da casa com maior ênfase na acomodação e hábitos alimentares e os problemas relacionados com a segurança (Pereira, 1997).

Ir para a Universidade é, a maior parte das vezes, a primeira vez que o jovem adolescente deixa a sua casa, enfrentando o dilema da separação parental e familiar. O *homesickness*, com tradução para “saudades de casa” encontra neste processo a sua máxima expressão, como um estado cognitivo-emocional e motivacional. Abordamos aqui os traços da personalidade como forma de reflexão de uma postura perante a adaptação às transições de vida e aos mecanismos desenvolvidos nesse processo, sabendo que as abordagens baseadas nos traços e motivos centram a sua atenção nos aspectos estáveis e estruturais da personalidade e as abordagens baseadas na cognição preocupam-se, essencialmente, com os processos de funcionamento da personalidade, com a forma como os sujeitos interpretam e dão significado aos acontecimentos e como planificam e regulam o seu comportamento (Pedroso Lima, 1997).

Quando abordamos um conceito tão vasto como é o de personalidade, temos de atender a que tocamos numa problemática tão polémica quanto abrangente, na medida em que é um conceito que pode envolver todos os aspectos da vida humana. A diversidade de posturas, de concepções e de definições indica uma riqueza conceptual muito vasta, mas que também pode desencadear discordâncias ou até alguma confusão no seu estudo quando pretendemos saber se estamos a abordar o mesmo conceito ou se estamos a falar de algo similar designado com o mesmo nome. É por isso que, de acordo com o posicionamento teórico de cada autor, a visão e definição do conceito de personalidade irá atender à intencionalidade e posicionamento individual de cada um.

No entanto, em traços gerais, o termo personalidade expressa a totalidade de um ser, tal como aparece perante os outros e perante si mesmo na sua unidade, singularidade e continuidade (Lizarraga, 1998). Esta totalidade da identidade integra, também, aspirações e ambições, capacidades afectivas e potencialidade de devir, bem como o conjunto de percepções de cada um.

Sabemos, assim, que a obtenção de sucesso ou o desenvolvimento de insucesso no contexto académico podem estar relacionados com as estruturas da personalidade em formação e com a situação de transição que o jovem estudante enfrenta nesta fase da sua vida, atendendo a todos os problemas inerentes a esse processo, dos quais ressaltamos o *homesickness*.

O objectivo geral desta investigação é a análise dos factores da personalidade que podem ser predictivos e associar-se ou não à existência e desenvolvimento de *homesickness* (saudades de casa) no processo de ingresso no ensino superior, de onde salientamos a intenção de analisar a existência de problemas pessoais e institucionais no ingresso ao Ensino Superior e investigar se o desenvolvimento de *homesickness* no ingresso ao Ensino Superior se encontra positivamente correlacionado com o tipo de personalidade Neuroticismo (N) e negativamente correlacionado com o de Extroversão (E).

MÉTODO

A metodologia desta investigação, tendo em conta a natureza do tema em questão como um factor que condiciona, de certo modo, o tipo de técnicas para a recolha de dados, primou pelo conceito de que a utilização de determinada técnica não é exclusiva de um dado tipo de pesquisa, podendo recorrer-se a uma combinação de técnicas no seio de uma mesma investigação. No entanto, o recurso major caiu nas metodologias quantitativas na recolha de dados com a intenção de se assegurar a validade e a fidelidade dos dados recolhidos.

Escolhida a metodologia geral de trabalho, a investigação passou por diversas fases:

- 1) fase de planeamento e definição do problema, hipóteses e variáveis em estudo
- 2) fase da selecção da amostra e dos instrumentos a utilizar, bem como a sua preparação
- 3) fase da administração dos instrumentos e recolha dos dados
- 4) fase do tratamento estatístico, procedendo-se à análise e discussão dos resultados.

A primeira fase teve como suporte fundamental a revisão bibliográfica sobre o tema “transições de vida”, na sua globalidade, até ser afinado para a definição da problemática do ingresso no ensino superior, enquanto transição de vida com todas as características que lhe estão inerentes no processo de desenvolvimento do jovem estudante, nomeadamente ao nível das estruturas da personalidade e nos problemas da transição, fazendo-nos partir da hipótese de que desenvolvimento de *homesickness* no ingresso ao Ensino Superior encontra-se positivamente correlacionado com o tipo de personalidade Neuroticismo (N) e negativamente correlacionado com o de Extroversão (E).

Na segunda fase definiu-se a população alvo na sequência do estudo preliminar inserido num projecto desenvolvido na Universidade de Aveiro (e que comporta o envolvimento, além da Universidade de Aveiro, das Universidades do Porto, do Minho e do Algarve) sobre os factores de sucesso e insucesso dos alunos do 1º ano do ensino superior. O âmbito do estudo abrangeu os alunos dos cursos de Ciências e Engenharias da Universidade de Aveiro do ano lectivo de 97/98.

Participantes

A amostra ficou composta pelos alunos inscritos no 1º ano do ano lectivo de 98/99 na Universidade de Aveiro, num total de 346 alunos, sendo 192 do sexo feminino e 154 do sexo masculino.

Material

Foram, seleccionados os instrumentos a utilizar, recaindo a escolha no E.P.I. – Eysenck Personality Inventory (Forma A), para a análise dos factores da personalidade, no Questionário de *Homesickness* de Fisher (1989) que foi adaptado por nós para o presente estudo e na construção do Questionário de Identificação e Vida académica (Q.I.V.A.), numa versão reduzida do questionário adoptado no “Projecto sobre o Estudo dos Factores de Sucesso e Insucesso no Ensino Superior”, na Universidade de Aveiro, e que deu suporte ao estudo actual.

Procedimento

A terceira fase consistiu na administração dos instrumentos, de forma colectiva e em regime de voluntariado, o que ocorreu em Fevereiro de 1999 e sendo feito recurso a algumas cadeiras comuns do 1º ano. A duração do preenchimento situou-se entre 30 e 45 minutos. Os alunos não demonstraram dificuldades visíveis no seu preenchimento, pelo que se deu por completa a recolha dos dados.

Estatística

Na quarta fase, procedeu-se ao tratamento estatístico dos dados com o apoio informático do SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*, após uma verificação dupla da introdução dos dados na base. De seguida recorreu-se aos processos habituais de estatística descritiva e de estatística paramétrica e não paramétrica, com frequências, medidas de tendência central, análise de variância e testes de *t* de Student. As variáveis dependentes são o *Homesickness* e os factores da personalidade e as variáveis independentes retidas coincidem com os itens do Q.I.V.A..

RESULTADOS

De acordo com os objectivos que orientam esta investigação, os resultados obtidos com o tratamento estatístico dos instrumentos QIVA, EPI e Questionário de *Homesickness*, são sistematizados e analisados orientados pelos mesmos.

A personalidade do estudante universitário

Partindo da tese de que existem mais estudantes neuróticos do que extrovertidos e que são os estudantes do sexo masculino os mais extrovertidos, verificamos que existem mais estudantes extrovertidos do que neuróticos.

Quadro 1

Média e Desvio padrão do Neuroticismo/Extroversão dos estudantes de ambos os sexos

E.P.I.		Sexo		TOTAL
		Feminino N=192	Masculino N=154	
EPI-N (neuroticismo)	<i>M</i> *	12,62	10,47	11,66
	<i>DP</i>	4,23	4,37	4,42
EPI-E (extroversão)	<i>M</i>	14,22	14,56	14,37
	<i>DP</i>	3,56	3,33	3,46
Escala L (mentira)	<i>M</i>	3,38	3,21	3,30
	<i>DP</i>	1,29	1,34	1,31

Nota. * Diferenças entre médias estatisticamente significativas de acordo como o teste t ($p < 0,05$).

Os estudantes do sexo feminino apresentam índices de maior neuroticismo do que os do sexo masculino, sendo nesta dimensão as diferenças significativas.

Quanto à dimensão Extroversão as diferenças de médias não são significativas, isto é, embora os estudantes do sexo masculino apresentem uma maior tendência para a extroversão, não há uma disparidade muito expressiva entre os dois valores obtidos.

Os estudantes do sexo feminino também têm tendência para dar mais respostas socialmente desejáveis, embora, mais uma vez, as diferenças não sejam significativas.

Partindo, também, da tese de que os estudantes que têm mais saudades de casa (*homesickness*) são mais neuróticos do que os que não sentem saudades de casa, verificamos que existe uma correlação negativa entre o nível de neuroticismo e de extroversão, ou seja, quanto maior o nível de neuroticismo, menor o de extroversão dos estudantes.

Quadro 2

Correlação de Pearson para N/E e Homesickness

	EPI-N	EPI-E	Escala L	Homesickness
EPI-N				
EPI-E	-0,06			
Escala L	-0,18**	-0,19**		
Homesickness	0,25**	-0,11*	0,06	

Nota. ** Correlação significativa $p < 0,01$; * Correlação significativa $p < 0,05$.

Os resultados também indicam que quanto mais neuróticos são os estudantes, menor é a possibilidade de darem respostas verdadeiras ou sinceras (Escala L), isto é, tendem a dar respostas socialmente desejáveis. Esta correlação é significativa.

Existe, também, uma correlação significativa entre o neuroticismo e o *homesickness* (correlação positiva), o que significa que quanto mais saudades de casa tem o estudante, mais neurótico é, e vice-versa.

Cumulativamente, quanto mais extrovertidos são, menos tendência têm para dar respostas socialmente desejáveis, não se preocupando tanto com o que os outros desejam ouvir, e sentem menos saudades de casa, o que indicia maior facilidade de adaptação e integração acadêmica. Estas correlações são, também, significativas.

A influência do Homesickness no estudante universitário

Ao analisar a influência do *homesickness* no estudante universitário, partimos da tese de que os estudantes do sexo feminino têm mais saudades de casa do que os estudantes do sexo masculino.

Em termos globais, com a aplicação do teste Kolmogorov-Smirnov, o *homesickness* apresenta uma frequência que obedece à curva de distribuição normal com uma $M=57,12$ e $DP=12,87$.

A distribuição por sexos apresenta uma $M=58,49$ com $DP=12,88$ para o sexo feminino e para o sexo masculino uma $M=55,41$ com $DP=12,68$.

Perante estes resultados, para estreitar mais a análise, procedeu-se à distribuição do valor médio do *homesickness* em três parâmetros:

1. *Homesickness* Baixa (HB)
2. *Homesickness* Média (HM)
3. *Homesickness* Alta (HA)

O procedimento estatístico para esta distribuição foi, (a) para obter *Homesickness* Baixa subtraiu-se ao valor médio $2/3DP$ e (b) para obter *Homesickness* Alta somou-se $2/3 DP$ ao valor médio do *Homesickness*.

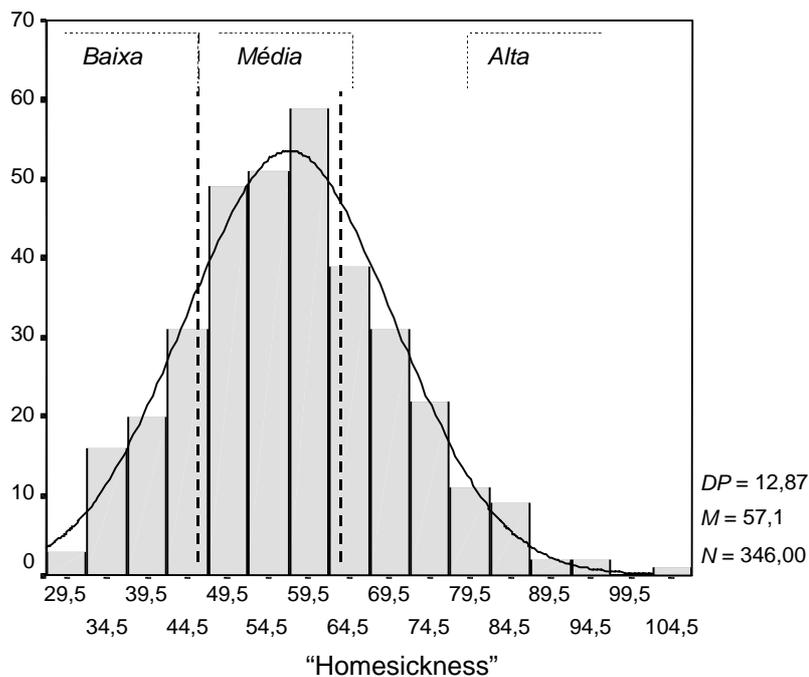


Gráfico 1. Frequência dos três parâmetros do *Homesickness*

Após esta operação procuramos ver o efeito destas três dimensões relativamente ao sexo dos estudantes.

Verificamos que, em termos globais, os estudantes de ambos os sexos não apresentam tendência para desenvolver saudades de casa (os valores de *Homesickness* são baixos – HB=34,4%).

Quadro 3

As saudades de casa em função do sexo

Sexo	<i>Homesickness</i>			Total
	Baixo (HB)	Médio (HM)	Alto (HA)	
Feminino	62	60	70	192
Masculino	57	58	39	154
Total	119 (34,4%)	118 (34,1%)	109 (31,5%)	346

A análise por sexos apresenta uma tendência no sentido dos indicadores de *Homesickness* Alta (HA) nos estudantes do sexo feminino, isto é, os jovens estudantes do sexo feminino têm tendência para ser mais saudosistas e afectivo-familiarmente mais dependentes.

Os jovens estudantes do sexo masculino posicionam-se no grupo do *Homesickness* Médio (HM) e com valores muito aproximados do *Homesickness* Baixo (HB).

A análise estatística do χ^2 (Qui quadrado) não revela, no entanto, que as diferenças verificadas sejam significativas, pelo que não podemos afirmar com segurança que estes resultados são fiéis. Podemos, no entanto, avançar com esta tendência.

Partindo, ainda da tese de que os estudantes que estão deslocados do seu local habitual de residência para estudar, têm mais saudades de casa, verificamos que quanto ao local de residência, a distribuição obedece a uma $M=52,90$ e $DP=13,00$ para quem não se desloca do seu local de residência habitual e $M=59,61$ e $DP=12,29$ para os estudantes que tiveram de se deslocar de sua casa para estudar no ensino superior.

A análise estatística obedeceu, também, às três dimensões do *Homesickness* (Baixa, Média, Alta).

Quadro 4

As saudades de casa em função do local de residência

Local de residência*	<i>Homesickness</i>			Total
	Baixo (HB)	Médio (HM)	Alto (HA)	
Alunos deslocados	55	72	88 (40,9%)	21
Alunos não deslocados	61 (19,7%)	40	19	120
Total	116	112	107	335*

Nota. *11 alunos não responderam à questão do local de residência.

Em termos globais, os resultados obtidos vão no sentido do baixo desenvolvimento de saudades de casa, tanto para os estudantes que não estão deslocados do seu local habitual de residência, como para os que tiveram que se deslocar para estudar.

No entanto, uma análise mais aprofundada permite verificar que há uma tendência para o desenvolvimento de saudades de casa no sentido da Alta (HA) para a *Homesickness* Baixa (HB) nos estudantes que não tiveram que se deslocar do seu local habitual de residência para estudar; para os estudantes que se deslocam do seu local habitual de residência, os resultados vão no sentido inverso, isto é, no sentido do *Homesickness* Alta (HA). Assim, para quem teve que deixar a casa (a sua residência habitual) para estudar, as saudades de casa são elevadas comparativamente com a dos estudantes que estão no seu local habitual de residência.

Estas diferenças encontradas são estatisticamente significativas.

A título complementar, os resultados apontam para o desenvolvimento de mais *Homesickness* nos estudantes que frequentam cursos agrupados no Factor

NATURA (Ciências Naturais), em que a escolha dos cursos recaiu na 3ª ou superior opção e nos que ingressaram no ensino superior com média superior a 16.

DISCUSSÃO

A vida académica tem vindo a merecer, de forma cada vez mais saliente, a atenção de todos os envolvidos no processo educativo.

Assim, no seguimento das preocupações que têm surgido nas Universidades e no próprio Ministério da Educação, têm sido desenvolvidas investigações no âmbito dos problemas do Ensino Superior que contribuem para a obtenção de insucesso e para os níveis de insatisfação e de dificuldades de adaptação dos estudantes, no sentido de, para além de detectar potenciais causas, encontrar uma proposta de valorização do Ensino Superior.

Em Portugal, só nos finais da década de 80, início dos anos 90 é que se começou a valorizar a problemática associada ao Ensino Superior e ao conseqüente insucesso académico. No entanto, as investigações nesta área são, ainda, escassas, fazendo sobressair uma forte necessidade de investigar, em quantidade e qualidade, para se encontrarem possíveis propostas de mudança e de melhoramento.

Com a publicação do Despacho nº 6659/99 de 5 de Abril, culmina a preocupação com os problemas académicos, mais propriamente com os níveis de insucesso, num alerta às Universidades do nosso país para a realidade actual. Baseado em relatórios de avaliação externa, este Despacho explicita, basicamente, o conceito de aluno elegível para o financiamento do seu percurso académico, introduzido pela

Lei nº 113/97, que se considera para o aluno que consegue concluir o seu curso até ao limite de 6 anos para os cursos de 4 anos e de 8 anos para os cursos de 5 anos, ponto crítico a partir do qual o Governo deixa de financiar o estudante.

Já anteriormente a esta preocupação do Governo, professores e alunos se manifestavam evidenciando problemas de parte a parte. Por um lado, os professores contestaram as difíceis condições de ensino, excesso de horas de trabalho, sobrecarga de alunos, limitadas condições físicas, etc. Por outro lado, são conhecidas as frequentes manifestações públicas das associações académicas e núcleos específicos dos estudantes, que têm vindo a denunciar os problemas mais notórios que levam ao insucesso e insatisfação dos alunos. De entre as contestações salientam-se as questões ligadas às condições de ensino, às dificuldades pedagógicas, nomeadamente falta de preparação científica e pedagógica dos docentes, falta de preparação dos alunos, bem como necessidades de estruturas de suporte ao aluno, particularmente o apoio psico-pedagógico (Pereira et al., 1999).

O estudante ingressa no Ensino Superior cheio de expectativas e à procura de uma nova etapa da sua vida. Rapidamente descobre que as elevadas expectativas que cria não correspondem, necessariamente, à realidade o que, segundo os resultados por nós obtidos se confirma, com a desilusão que sentem, principalmente com o conteúdo das matérias das diversas cadeiras que, na Universidade de Aveiro, compõem o 1º ano comum de todos os cursos. Os estudantes demonstram uma certa insatisfação com a existência de um 1º ano comum a todos os cursos, o que justifica a desilusão e o desagrado com as matérias que, provavelmente, sentem não corresponder ao que esperavam aprender com o seu curso.

As expectativas, ao não serem coincidentes com a realidade académica, influenciam os resultados nas tarefas e a própria motivação para o sucesso (Fontaine, 1987).

Seria importante repensar o quadro curricular das cadeiras dos diversos cursos, no sentido de haver um ajustamento maior entre a realidade e as expectativas que os jovens criam com o Ensino Superior e com o curso que escolheram, bem como uma maior aposta nas relações interpessoais, principalmente na relação professor-aluno.

A adicionar a estes resultados anteriores, a percepção que o estudante tem de si, enquanto estudante e enquanto aluno de uma Universidade, é apenas razoável, atingindo valores baixos ao nível da auto-confiança nas suas capacidades para obter sucesso académico e bons resultados, até porque desenvolvem dificuldades relacionadas com os estudos, com o método de trabalho que é imposto e com a própria qualidade do ensino, que o obrigam, muitas vezes, a reequacionar as suas estruturas habituais de estudo e, isto apesar de, em termos perceptivos, achar que é bem preparado no ensino secundário para enfrentar o Ensino Superior.

Os estudantes referem vários problemas de ingresso no Ensino Superior, principalmente os relacionados com o estudo e com a capacidade de atenção e de concentração, o que se vai reflectir nos elevados níveis de ansiedade e de mal-estar físico que perturbam a obtenção de sucesso académico e, em muitos casos, levam à “fuga” aos exames, precisamente pelas dificuldades de gestão da ansiedade. Mais do que nunca o apoio psico-pedagógico é uma necessidade e uma realidade cada vez mais premente para o desenvolvimento da qualidade do ensino e do bem-estar dos estudantes com vista ao seu harmonioso desenvolvimento biopsicossocial.

Estes resultados vão de encontro à hipótese por nós levantada e de encontro aos vários resultados já obtidos noutras investigações que pretendem explicar o fenómeno dos níveis de insucesso académico e de onde se salientam os factores relacionados com o processo de transição/adaptação à Universidade (Burt, 1993; Cutrona, 1982; Fisher, 1994; Fisher & Hood, 1987; Pereira, 1997ab, 1998; Rickinson & Rutherford, 1996), os factores estritamente ligados com os problemas de natureza académica, nomeadamente os ligados à

organização curricular, *stress* e ansiedade nos exames e outras condições de ensino (Burt, 1993; Earwaker, 1992; Ellis, 1993; Graysan, 1993; Hargreaves, 1978) e, por fim, os factores relacionados com o desenvolvimento pessoal (Chickering et al., 1981; Williams & Irving, 1996), (cit. por Pereira et al., 1999).

Tavares et al. (1998) num estudo sobre o sucesso/insucesso na vida do estudante universitário, comparam resultados de uma amostra da Universidade de Aveiro com os obtidos com uma amostra da Universidade de Coimbra no que respeita aos problemas dos estudantes no ingresso ao Ensino Superior.

Os resultados obtidos na amostra da Universidade de Aveiro vão de encontro aos encontrados com a nossa amostra em estudo, ou seja, são visíveis graves problemas ao nível das dificuldades com o estudo, atenção e ansiedade. Na Universidade de Coimbra os resultados apontam para problemas graves também ao nível das dificuldades com o estudo, com os sintomas de ansiedade e mal-estar físico. Há uma grande concordância de resultados, o que faz pensar na necessidade da promoção do desenvolvimento de competências nos estudantes ao nível das técnicas e métodos de estudo e ao nível da gestão da ansiedade.

Até agora, debruçamo-nos nos aspectos descritivos do ingresso dos jovens no Ensino Superior, mas não podemos esquecer que estes jovens estudantes são indivíduos em relação com os outros, detentores de uma estrutura pessoal em formação e de uma personalidade em definição.

Pudemos verificar, com a aplicação do E.P.I. que os factores da personalidade podem influenciar a forma como cada estudantes gere o seu percurso académico e lida com as várias situações da sua vida.

Quadro 5

Comparação dos resultados do N e E em diferentes populações

Amostra	Neuroticismo		Extroversão	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Portuguesa	10,56	5,04	12,52	3,60
Inglesa	9,06	4,78	12,07	4,37
Presente estudo	11,66	4,42	14,37	3,46

Existem diferenças significativas entre os resultados obtidos no estudo de aplicação do EPI à população portuguesa (Vaz Serra et al., 1980) e os resultados obtidos com os estudantes da nossa amostra.

Verificamos que os estudantes deste estudo apresentam maiores tendências para a extroversão e para o neuroticismo do que a população em geral. Um factor a ter em conta é o nível etário, ou seja, a média de idade dos elementos do estudo é de $M=18,71$ enquanto a média de idade da amostra da população

portuguesa é de $M=25,71$, o que pode ser um factor que influencia os resultados, no sentido em que a idade mais jovem indicará um desprendimento social maior, o que justificaria o alto valor de extroversão. Também estamos a lidar com a população estudantil, em início do percurso académico e não com a população global, o que também pode interferir nos resultados. No entanto, somos tentados a inferir que a população estudantil é significativamente mais extrovertida do que a população global, mas também o é para o neuroticismo, o que indicia oscilações de humor e uma certa instabilidade e indefinição emocional nesta idade.

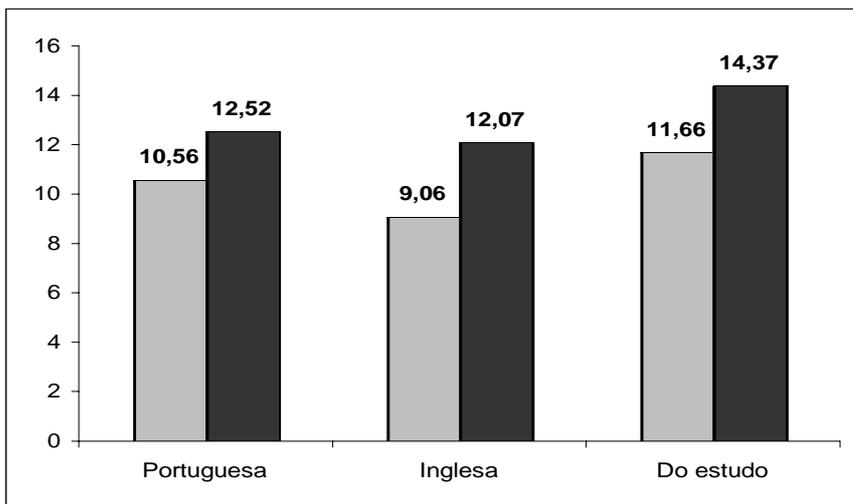


Gráfico 2. Níveis de Extroversão/Neuroticismo da população inglesa, portuguesa e da amostra de estudantes do ensino superior

Ao relacionarmos as dimensões da personalidade Neuroticismo/Extroversão com o problema do desenvolvimento de *homesickness* (saudades de casa), o que também orienta o presente estudo, verificamos que são os estudantes mais neuróticos os que desenvolvem mais saudades de casa e sentem necessidade de maior apoio social e de uma rede de suporte afectivo-emocional (Fisher & Cooper, 1997). Os estudantes mais extrovertidos facilmente se envolvem nas relações com os outros e investem mais nesse grupo, criando um vasto círculo de relacionamentos e de suporte emocional, que os impedem de sentir saudade de casa. A nossa hipótese de partida é confirmada.

As respostas socialmente desejáveis são menos visíveis nos estudantes extrovertidos, não desenvolvendo grande preocupação em agradar aos outros, conseguindo, apesar disso desenvolver competências de assertividade e sentimentos e comportamentos de autenticidade, o que a ser feito com sucesso,

facilita a adaptação ao contexto académico e, logo, impede que as saudades de casa se instalem ou atinjam níveis patológicos (Fisher & Hood, 1987; Joyce-Moniz, 1997).

Tendencialmente, os nossos resultados apontam para o facto de serem os estudantes do sexo feminino os que apresentam mais saudades de casa, provavelmente por uma questão cultural e de educação e do próprio desenvolvimento da estrutura da personalidade com queda para uma maior dependência e para problemas no processo de autonomia. No entanto, como estes resultados não são estatisticamente significativos, abstermo-nos de avançar com conclusões, deixando em aberto para futuras investigações.

O local de residência é um factor que influencia o desenvolvimento ou não de saudades de casa. Tal como prevíamos na hipótese inicial, os estudantes que moram longe do seu local habitual de residência para estudar, desenvolvem saudades de casa e procuram, frequentemente, os espaços de interrupção lectiva para regressarem a casa, o que demonstra alguma tendência para o isolamento do grupo de pares académico e para o afastamento das actividades extracurriculares do campo universitário. Isto acontece, em parte por questões pessoais, de personalidade e/ou familiares, mas também por questões de ordem institucional como a baixa atractividade das actividades e das oportunidades de formação que esse campo lhe oferece. Estas dificuldades de adaptação podem exceder de tal ordem a capacidade de gestão emocional da ansiedade do estudante que, atingindo níveis patológicos, leva alunos com boa capacidade cognitiva a obterem resultados académicos muito fracos e a desenvolverem graves problemas psicológicos perante tamanho insucesso (Ferreira, 1991; Fisher, 1985; Pinheiro, 1994).

Interessante é verificar que a tendência para ser saudosista recai mais nos estudantes que frequentam os cursos de Ciências Naturais, pelo grau de exigência pedagógica, curricular e relacional que estes cursos impõem. Recai também, no grupo de alunos que frequentam o curso como 3^a ou superior opção, o que denota um baixo grau de preferência pelo curso, considerando-o, por vezes, um curso de “escape alternativo”, situação agravada, conforme os nossos resultados, se o estudante for um aluno detentor de uma média de ingresso superior a 16, contribuindo para o aumento do desânimo e, mesmo, para o insucesso académico, num efeito bola de neve. Provavelmente, por ser um aluno com uma média de ingresso alta, desenvolveu expectativas elevadas, discrepantes da realidade académica e, perante os primeiros insucessos, não consegue gerir a situação, desenvolvendo uma baixa auto-estima e um auto-conceito académico negativo que, associados a elevados níveis de ansiedade vão definir as dificuldades de obter sucesso académico. Se as suas expectativas relativamente ao curso a seguir e à vida académica em geral não são coincidentes com a constatação da realidade, a tendência é para desenvolverem *homesickness* e, logo, sentirem uma grande necessidade de voltar para casa para a segurança e estabilidade emocional que sentiam antes da transição para o Ensino Superior.

A adaptação ao Ensino Superior associa-se, também, ao nível de *homesickness*, uma vez que os nossos resultados apontam para a existência de uma correlação negativa (embora não significativa) entre o *homesickness* e as actividades de lazer propostas pela Universidade. Assim, os estudantes ao sentirem-se bem acolhidos pela Universidade, envolvem-se mais nas suas actividades e não sentem tantas saudades de casa, conseguindo resolver a questão do “afastamento” familiar com os novos investimentos afectivos no grupo de pares académico. Portanto, as instituições de ensino deverão empenhar-se no desenvolvimento e envolvimento dos seus jovens estudantes como forma de contribuir para a resolução do problema da adaptação e do insucesso no Ensino Superior. Confirma-se a nossa hipótese de partida e é reforçada pelos resultados relativos ao tempo dedicado à frequência às aulas e ao estudo, ou seja, quando o estudante não se sente bem acolhido pela Universidade, sente saudades de casa, não investe nas suas actividades sociais e compensa o seu tempo com o envolvimento no estudo e na frequência às aulas, mas esta situação, ao invés de promover o sucesso académico, complica-o e muitas vezes inibe-o. Isto permite-nos concluir que não é o estudo compulsivo que permite obter sucesso académico, sendo muito importante o estado emocional e motivacional para que o bem-estar e a adaptação à Universidade e o conseqüente sucesso académico sejam uma realidade para os nossos estudantes universitários.

Em conclusão, O que temos vindo a referir permite-nos aceitar que quanto menos o estudante tem as suas expectativas ajustadas à realidade académica, quanto menos satisfeito está com o curso que frequenta, com o equipamento e infraestruturas da Universidade e quanto mais percebe de forma negativa a vida de estudante universitário, quanto mais negativa é a sua auto-confiança e menor o auto-conceito, maior é o desejo de voltar para casa, para a protecção e apoio dos familiares.

Assim, é lógico que a promoção do envolvimento dos estudantes na vida académica na sua plenitude a amplitude contribui, em larga escala, para o bem-estar dos estudantes, facilitando a adaptação e promovendo o investimento pessoal, académico e social. Quanto mais o estudante se sente acolhido pela Universidade, maior tendência apresenta para a estabilidade emocional, para o envolvimento no grupo de pares e, logo para o empenho na obtenção de sucesso e de realização académica (Pereira, 1998, 1999; Taveira, 1997).

Relembremos, também, que uma aposta na qualidade de ensino e no saudável desenvolvimento das competências dos jovens estudantes, permite a sua ascensão ao sucesso e a um futuro profissional promissor, onde porá em prática os conhecimentos científicos e relacionais que aprendeu no percurso académico.

As mudanças nos sistemas de Ensino Superior que se têm vindo a verificar nos últimos anos, nomeadamente ao nível da formulação de novas expectativas e aspirações sociais sobre as funções e papéis das Universidades, as alterações dos seus sistemas de financiamento, o desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico, as novas estratégias de desenvolvimento interno das organizações, a

influência das políticas educativas nacionais e o aumento e diversificação da população estudantil (Tavares, Santiago, & Lencastre, 1998), mudanças que embora profundas, apontam ainda para a necessidade de uma melhoria constante e de um ajustamento contínuo às constantes exigências de uma sociedade em mudança.

Pretende-se alertar todos os envolvidos no processo educativo, tendo em consideração que as dimensões pessoais e institucionais são factores muito importantes para a promoção do sucesso académico.

Limitações do estudo e sugestões futuras

Os resultados deste estudo têm de ser encarados com reserva, na medida em que temos de atender às limitações impostas pela própria utilização de questionários e à implícita limitação da análise estatística dos mesmos, com a devida salvaguarda à tendência para a generalização dos resultados obtidos.

Além desta limitação, outras se salientam, nomeadamente num campo mais pragmático ao nível da utilização de instrumentos de análise. Impuseram-se dificuldades ao nível da utilização do instrumento de avaliação da personalidade inicialmente planeado (NEO-PI-R), na medida em que tardava a obtenção de autorização por parte do autor para a sua aplicação.

No seguimento deste estudo, sugerem-se algumas novas pistas de investigação, uma vez que estamos perante uma pesquisa que seria valorizada com a sua replicação ao conjunto das várias Universidades existentes no nosso país. Assim, poderiam ser comprovados os resultados e as medidas a desenvolver seriam assentes em dados mais concretos e fiáveis, passíveis de generalização.

É urgente proceder ao desenvolvimento de estudos comparativos para se conhecer melhor o fenómeno do sucesso/insucesso nas instituições de ensino superior, com o intuito de serem delineadas estratégias de intervenção e de combate ao problema. Se for possível identificar as causas da existência e manutenção deste problema, mais facilmente se planeiam estratégias de intervenção-acção.

Especificamente, as nossas propostas vão no sentido da criação de estruturas de suporte académicas, pessoais e de relação para que seja possibilitado e facilitado o desenvolvimento pessoal e social do jovem estudante universitário, futuro membro activo de uma sociedade em mudança, tendo em atenção as suas necessidades, aspirações, aptidões, formação e desenvolvimento.

Os resultados desta investigação pretendem, então, contribuir para uma maior e melhor compreensão dos factores explicativos do sucesso/insucesso no contexto universitário, uma vez que se constatam que os problemas dos estudantes são muito de ordem pessoal e, logo, social, contribuindo para o desenvolvimento do insucesso académico. Mais especificamente, a existência de saudades de casa para quem se desloca para longe para estudar, faz pensar na urgência em rever a sistema de candidatura à Universidade, sendo avançada a sugestão de candidaturas por geograficamente mais delimitadas e não abertas, obrigatoriamente, a todo o país, sendo esta uma opção de cada candidato.

Também a criação de serviços de aconselhamento psicológico são uma prioridade no ensino superior com a sua extensão ao ensino secundário, como medida profiláctica que contribuirá para fomentar a adaptação no ensino universitário, promovendo os maiores índices de sucesso académico e o desenvolvimento pessoal e social do jovem estudante, preparando-o para a sua vida sócio-profissional futura, para a sua maturidade e identidade.

REFERÊNCIAS

- Ferreira, J.A. (1991). As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXV, 91-105.
- Fisher, S., Murray, K., & Frazer, N.A. (1985). *Homesickness*, health and efficiency in first year students. *Journal of Environmental Psychology*, 5 (2), 181-195.
- Fisher, S., & Hood, B. (1987). The *stress* of the transition to university: A longitudinal study of vulnerability to psychological disturbance and *homesickness*. *British Journal of Psychology*, 78, 425-441.
- Fisher, S. (1989). *Homesickness, Cognition and Health*. London: Laurence Erlbaum.
- Fontaine, A.M. (1987). Expectativas de sucesso e realização escolar em função do contexto social. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 3, 27-44.
- Joyce-Moniz, L. (1997). *Psicopatologia do desenvolvimento do adolescente e do adulto*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Lizarraga, M.L. (1998). *Inteligencia y personalidad en las interfaces educativas*. Bilbao: Desclée de Brouwer, S.A.
- Pedroso de Lima, M. (1997). *Neo-Pi-R: Contextos teóricos e psicométricos "Ocean" ou "Iceberg"?*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pereira, A. (1997). *Helping Students Cope: Peer Counselling in Higher Education*. Dissertação de doutoramento. Hull, Universidade de Hull, U.K. (Grã-Bretanha).
- Pereira, A. (1998). Apoio ao estudante universitário: *Peer counseling* (experiência piloto). *Psicologica*, 20, 113-124.
- Pereira, A., Luzio Vaz, C.J., Patricio, I., Campos, M., & Morais, R. (1999). *Contribuição para o estudo do sucesso e insucesso escolar na Universidade de Coimbra* (relatório). Universidade de Coimbra.
- Pinheiro, M.R. (1994). *O domínio das emoções e o desenvolvimento da autonomia: Contributos para o estudo do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Tavares, J. (1996). *Níveis de Sucesso dos Alunos do 1º ano dos Cursos de Ciências e Engenharias da Universidade de Aveiro*. Relatório.
- Tavares, J., Santiago, R.A., & Lencastre, L. (1998). *Insucesso no 1º ano do ensino superior, um estudo no âmbito dos cursos de licenciatura em ciências e engenharia na Universidade de Aveiro*. Unidade de investigação.
- Taveira, M.C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Dissertação de doutoramento. Universidade do Minho.
- Vaz Serra, A., Ponciano, E., & Freitas, J.F. (1980). Resultados da aplicação do Eysenck Personality Inventory a uma amostra de população portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 1.